

Os Conhecimentos Anatômicos dos Índios — Tupís-Guaranis —

Como a sua terapêutica, igualmente notáveis eram os conhecimentos anatômicos do índio brasileiro.

Espírito observador por excelência, dizem alguns, não admira que assim fôsse, já que unicamente o preocupavam os elementos do mundo exterior, mais conformes com a sua predisposição psíquica, sumamente concretizante, no que, por sinal, não difere dos outros povos naturais.

Lógicamente, nada teríamos a objetar a semelhante juízo, não fôra, por outro lado, o imenso vocabulário, referente à parte interna de nossa constituição orgânica, o que, também, denuncia incomum poder criador.

Decorrencia direta das operações dissecativas, a que os índios submetiam os cadáveres dos prisioneiros, nos célebres ritos antropofágicos, apresentam, tais conhecimentos, além da referida acuidade designativa, a particularidade do termo adequado, quando ainda o não havia em português, ou mal se lhe determinara o emprego.

É que, como era regra geral entre os europeus de então, a ciência anatômica apenas ensaiava os primeiros passos, donde o conservar-se muito aquém do empirismo brasileiro. E não vai nisso nenhuma intenção preconcebida de realçar os dotes intelectuais do ameríndio. Ninguém ignora que a verdadeira ciência anatômica, no sentido moderno ou experimental, só firmou pé nos fins do século XVI, após as profícuas investigações de um Vesálio. Agora, avalie-se qual não seria o seu estado nos países menos favorecidos, como os da Ibéria, que não souberam recolher a herança do mouro, nem imprimir-lhe um rumo mais efetivo, consentâneo com as últimas obtenções e aquisições da ciência daquela época.

E é ante esse aspeto paradoxal das duas culturas, que a nossa admiração se transmuta em espanto, levando-nos à aceitação incontestada do relativismo cultural, como condição precípua de qualquer conceito de valor.

Mas, se tão grande é a importância que se deve atribuir a essa faceta do mundo cultural, infelizmente pequeno é o número de estudiosos que a ela se têm dedicado, sendo de notar a ausência quase absoluta de monografias a respeito.

Existem, é verdade, excelentes escritos, como o que, à guisa de anotações ao texto dum livro de Martius, realizou o sr. Pirajá da Silva (Ver pags. 217 e 271 de "Natureza, Doenças, Medicina e Remédio dos Índios do Brasil", de Carlos von Martius. - Cia. Editora Nacional, 1939, S. Paulo) e o clássico "Vocabulário de Pero Castilho, reimpresso por Plínio Ayrosa.

O material aí coligido é realmente de causar assombro, pois estende-se da osteologia ao sistema nervoso, e do muscular e vascular ao respiratório, sem falar-mos ainda, além do digestivo, no gênito-urinário.

Assim, osso em geral tinha o nome de canga, reservando-se o de acanga para o crânio, enquanto que por arucanga tra-

duziam as costelas. **Tendibã** era o mento, **muçua** - o esterno e **iibacanga** - o cúbito. **Binhuã** correspondia a artelho, tanto quanto **mitá** a calcâneo.

....**Atyba** é identificado como o temporal, **gibá canga**, o frontal.

Poderíamos citar, ainda, dois outros: **iibapecanga** e **tetimã canga**. São seus equipolentes em português: omoplata e tíbia.

Agora, se do sistema ósseo passarmos ao nervoso, verificaremos, novamente, a mesma exuberância terminológica. Nervô em geral é **taijica**, **taii** ou **çagica**. **Apitiúma** corresponde ao que chamamos cérebro, e **aputiumaoba** traz a acepção de dura-mater.

Quanto ao muscular, as seguintes palavras bastarão para deleitar os bisonhos arianistas mestiços de nossa pátria: **iibai-piaiya** não é mai que o bíceps, e **iibapoã-aiya**, o mesmo na região da coxa (crural), ao passo que **nhiãcama** significa os músculos do coração.

No vascular e circulatório, distinguim as veias das artérias. As primeiras eram **ajura** ou **taica**, denominando-se **cajica** ou **oçú** as últimas. O sangue levava o nome de **tuguí**, e **nhiã**, **piá** expressava o substantivo coração. Em relação ao respiratório, lembraremos **myãibuyá**, pulmão.

Desenvolvimento digno de menção demonstra o digestivo de par com o gênito-urinário. Dest'arte, logo, ao primeiro lance, deparamos com os vocábulos: **iurú**, estômago, **perê**, baco, **piá upiá**, bile, **piá-mbiá**, fígado, **tiguê poi**, intestinos, **jurú**, boca, **aceocaia**, úvula, **apecu**, língua, **tayá**, dentes, termos todos do primeiro dos referidos sistemas.

Para o segundo, temos: **piriquytyi**, rins, **tirirú**, bexiga, **ajurú**, uretra, **pitan-gurú** ou **membinhemonhanga**, útero, e **ibiyá**, entranhas.

O mesmo é lícito dizer dos órgãos dos sentidos. Pondo de lado o que se refere à gustação, encontramos: **nambí**, orelha, **apicá**, conduto auditivo, **tí**, nariz, **teçá**, olhos, **jybã**, braço, **bô(pô)**, mão e **timã**, perna.

(Conclue na página 19)